

Anita Notaro

PERTO DE TI

Tradução
Eugénia Antunes

*Quinta Essência**

1

TODOS TEMOS DIAS MAUS e eu não sou exceção a essa regra. Já tive até alguns realmente pavorosos, mas o dia de hoje podia, sem margem para dúvida, ter ilustrado um anúncio a comprimidos para a dor de cabeça. Já estão a ver o género: daqueles dias em que o comboio vai tão apinhado que é impossível conseguirmos um lugar sentado, depois a alça da nossa mala de quinhentos euros fica presa nos torniquetes e rasga-se e, como se isso não bastasse, começa a chover a potes a meros cinquenta metros de chegarmos a casa. Bom, multipliquem isso por mil e já ficam com uma ideia do meu dia. A única diferença é que, na vida que os anúncios televisivos retratam, a mulher entra em casa e um borracho tipo McDreamy da série *Anatomia de Grey* estende-lhe um copo de vinho e já lhe preparou um banho de espuma, acendeu a lareira e adiantou o jantar; tudo para que ela tenha tempo para descontraír. No meu caso, as luzes nem sequer estavam acesas quando por fim entrei em casa: tão fria que as flores velhas mergulhadas na água rançosa estavam hirtas, praticamente em sentido, e o que restava do café do meu pequeno-almoço tinha coagulado ou então estava congelado. Despi a gabardina encharcada antes que ficasse enregelada, chutei os sapatos e desatei a chorar. Estava farta da vida; pelo menos, do tipo de vida que levava naquele momento.

Em teoria, porém, era uma privilegiada, tinha tudo. Psicóloga, com um consultório próprio, tivera ainda a imensa sorte de conseguir um emprego, o que significava que estava ligada a um grande hospital particular no qual dava consultas dois dias por semana. Ou seja, tinha um rendimento garantido – e o hospital pagava muito bem – e, para além disso, era patroa de mim mesma. Sim, é um facto que no hospital tinha oportunidade de conhecer muitos homens solteiros, contudo, nunca passámos da fase dos cumprimentos com acenos de cabeça. Mesmo os colegas que encaminhavam doentes para mim faziam-no por telefone ou por *e-mail*, pois nunca pareciam estar disponíveis ao mesmo tempo que eu. Para além disso, o meu trabalho era muito intenso e sem um horário definido, porque muitos dos clientes preferiam consultas de manhã bem cedo ou ao final do dia, ou mesmo ao fim de semana. Isso implicava que não existiam pausas, almoços prolongados ou escapadelas para ir às compras quando a boa disposição me abandonava. E, uma vez que estava ainda a construir a clientela do meu consultório privado, quase não tinha vida fora do trabalho. Mesmo agora, só de pensar nisto, fico com vontade de ir a correr consultar um psicólogo.

Depois de uma torrente de sms a queixar-me do mundo, apenas duas das minhas amigas mais chegadas vieram em meu auxílio, correndo ao chinês mais próximo para encomendar comida e ao minimercado da vizinhança para comprar duas garrafas do que quer que ainda houvesse no frigorífico.

Abertas as garrafas e servida a comida, tentaram ambas, sem êxito, perceber o que me consumia e fazia ferver por entre os longos suspiros e os impropérios que soltava. Tudo me irritava, por isso, durante os primeiros dez minutos, pouco disseram. No final, contudo, Maddy conseguiu proferir cinco palavras antes de eu explodir.

– Então, Lou, que se passa?

– O que se passa é que estou farta da minha vida. Estou farta de me levantar a meio da noite só para arranjar um lugar

de estacionamento no centro de Dublin. Se tiver de ouvir mais uma mãe jovem e deslumbrante queixar-se de que o marido a irrita só porque se esquece de comprar abacates orgânicos e de vez em quando compra sumo de laranja concentrado, vomito. Estou farta de comer sanduíches plásticas e caríssimas a correr. Para além disso, nunca consigo tirar um dia de folga. Mesmo quando não vou trabalhar, fico em casa a adiantar o trabalho, a escrever notas. Passo a maior parte dos dias a ouvir as lamentações de gajas ricas, uma atrás de outra, e no fim do dia, já tarde, regresso a uma casa gélida e vazia, como de um tabuleiro de alumínio e caio na cama. E, no dia seguinte, repete-se tudo.

– Bom, podes sempre programar o aquecimento – fez notar Clodagh, sempre tão prática, com um sorriso. – Na verdade...

– Nem vás por aí, querida – alertou Maddy. – Programada está ela agora, e é para explodir, se bem me parece.

Aquela breve conversa resumia-nos, de certo modo, e explicava por que motivo funcionávamos tão bem enquanto trio. Clodagh era a mais prática das três; sempre presente, permanentemente calma e muito sensata. Maddy era a artística. A maior parte do tempo tinha a cabeça nas nuvens, mas estava sempre pronta para tudo e nunca deixava de me fazer rir.

Eu encontrava-me algures no meio. Não sendo tão sensata ou organizada quanto Clodagh, faltava-me a coragem que Maddy tinha para agarrar a vida pelos tomates.

Sem Maddy, suponho que, por esta altura, Clodagh e eu estaríamos transformadas em duas velhinhas sentadas em cadeiras de balouço e, no meu caso não seria por escolha, mas porque estaria demasiado stressada e cansada para me esforçar. Dito de uma forma mais simples, Maddy era o único elemento de diversão e loucura na minha vida e Clodagh erguia-me e amparava-me quando eu desabava.

– Vá – instou então Maddy, sorrindo-me –, deixa sair tudo. Que mais detestas?

– Detesto que todo o meu dinheiro seja gasto a tentar parecer mais jovem do que sou, que toda a gente do mundo pareça ter uma cara-metade e que eu, sabe-se lá como, tenha acabado a fazer um trabalho que parece exigir como única competência perguntar, «e como se sente em relação a isso?» Para ser franca, cheguei a um ponto em que, a maior parte do tempo, estou-me nas tintas para tudo.

– Ei, espera lá... És bem paga e respeitada pelos teus pares. E grande parte dos teus clientes, na verdade, são homens, ou já te esqueceste? – perguntou Maddy num tom animado. – Para além disso, tiveste aquele artigo fabuloso na *Indo* e há umas semanas foste fotografada naquela festa enorme com... como é o nome dele... aquele cantor? E o teu trabalho sempre foi uma fonte de satisfação para ti. Para mim, por exemplo, é uma fonte de mensagens insultuosas.

– É verdade. – Clodagh esboçou um sorriso. – Aqui há dias até me fizeste um discurso todo inflamado, lembraste? Incitavas-me a... «libertar do ciclo de fatalismo e pessimismo», foi como o colocaste, se não me engano... – Clodagh levantara entretanto os pratos e abrira uma embalagem de *Maltesers*.

– Então, como é que, de repente, a banda sonora da tua vida é «I can't get no sat-is-faction» – cantou Maddy desafinadamente enquanto fingia tocar guitarra numa tentativa de me fazer rir.

– Não faço ideia. A minha vida parece já não estar a resultar, mas penso que só há pouco tempo comecei a reparar nisso. Estou sempre stressada e as pessoas estão todas muito agressivas, já repararam?

– Bom...

– Ainda hoje uma idosa espetou o carrinho das compras nas minhas costas quando eu estava a escolher um *panini* e depois ainda teve o desplante de abanar a cabeça como se tivesse sido eu quem causara o problema.

– Podes crer, os reformados são os piores – concordou Clodagh. – À quinta-feira, quando as pessoas acima dos sessenta e cinco anos têm direito a desconto, nunca me aproximo sequer das lojas de bricolage. Estão sempre aborrecidas com qualquer coisa e agem como se tivessem raiva de nós, só porque ainda temos os dentes todos.

– E nem me falem das constantes obras nas ruas... – Ignorei Clodagh porque não queria que ninguém se intrometesse nos meus lamentos. Na verdade, por aquela altura, elas já tinham feito um pacto tácito de apenas acenarem com a cabeça, suspeito, pois deixaram-me continuar a arengar durante uma eternidade.

– *Okay*, Lou, já percebemos – disse Maddy às tantas, acotovelando Clodagh, que se esforçava ao máximo por manter-se acordada. – Sim, é verdade que pareces despender imenso tempo e energia a tentar ajudar pessoas tão obcecadas com elas mesmas que fazem a Victoria Beckham parecer despreocupada. Mas olha, já não é a primeira vez que temos esta conversa, pois não? E é sempre a mesma coisa: na hora H não queres abandonar a tua carreira bem remunerada e o teu apartamento deslumbrante e a tua vida, basicamente. E quem poderá censurar-te? Eu não, pelo menos, uma atriz que passa o tempo a exceder o saldo do cartão de crédito.

– Esperem lá. Vamos aqui recuar um pouco. – Clodagh endireitou-se na cadeira e Maddy lançou-me um olhar como quem dizia, «ui, estás tramada». – Responde-me a uma coisa, Lulu, e esta é uma pergunta que costumavas evitar quando temos estas conversas, que trabalho gostarias de fazer, se te fosse dado a escolher?

– Não faço a mínima ideia. É esse também o problema. – Fiquei deprimida só de pensar nisso.

– Esperem, esperem, eu acho que sei. – Maddy pulou da cadeira onde estava sentada. – E é tão óbvio que nem acredito que uma de nós não te tenha já feito pensar a sério sobre isso. – Agarrou numa fotografia que estava em cima da lareira: um

instantâneo amarrotado a preto e branco do primeiro cão que tive e estendeu-ma. – Trabalharias com criaturas de quatro patas ao invés de com monstros de duas. – Agachou-se ao meu lado. – Olha-me nos olhos e diz-me que desde que perdeste esse rafeiro horrroso que, no fundo, não desejas ter um trabalho que envolva ajudar animais.

– É provável – murmurei.

– Mas não chegaste a considerar a hipótese em determinada altura? Depois da faculdade até fizeste aquele curso de três anos sobre comportamento animal.

Clodagh abanou a cabeça para Maddy.

– Não, não creio que seja isso.

– É, sim, juro. O que se passa é que ela sempre foi demasiado sensata, sempre se preocupou de mais com o que as pessoas pensam. A sério, Clodagh. Estou certa, não estou? – fez-me uma careta.

– É provável – voltei a murmurar, sabendo que ela acertara mesmo na *mouche*.

– É claro que estou. Não percebo como nunca antes te questioneei em relação a isso. Bastou ver essa fotografia, tão deslocada no teu apartamento todo elegante, que me fez lembrar disto. Porque só agora reparei na fotografia?

– Costuma estar no meu quarto – confessei.

– Bem, de facto, trabalhar com animais talvez seja melhor do que com alguns dos clientes que tiveste ao longo dos anos. – Clodagh esboçou um sorriso.

– Nem mais. – Maddy estava lançada. – Ricaços doidos, a maioria deles. Ora bem, quem é a favor de mais um copo enquanto analisamos as hipóteses de um animal nos dar com os pés por comparação com as de um humano?

Como de costume, não chegámos a lado nenhum e, por fim, elas foram embora, mas não antes de me obrigarem a prometer que pelo menos analisaria a minha vida. Estava tão irritada por saber que Maddy no fundo tinha razão que até me esqueci

de contribuir para o jantar. Às onze horas já estava deitada com o termóstato do cobertor elétrico regulado para «queimar» e, claro, o culminar daquele dia perfeito foi adormecer e esquecer-me de o desligar. Acordei às três e meia da manhã, alagada no meu próprio suor.

Na manhã seguinte estava resolvida a erguer-me e a arregçar as mangas e essa treta toda. No entanto, tal estava a tornar-se mais difícil. Até mesmo eu, a rainha da recuperação, reparei que demorava mais tempo que o habitual a recobrar a energia. Ainda assim, consolei-me afirmando que dias como o anterior não eram muito frequentes, portanto, calcei uns sapatos de salto alto de verniz para animar o dia e fui trabalhar. Doze horas mais tarde encontrava-me comatosa no sofá, a tossir e a espirrar e a telefonar a toda a gente que me lembrava com o objetivo de me queixar.

Maddy estava em Londres naquele dia, a dar voz a um anúncio, Clodagh, provavelmente, encontrava-se no ginásio a queimar os excessos da noite anterior, e à minha irmã é que eu não ligaria, em primeiro lugar, porque se parecia com um modelo e me escutaria durante uns dez segundos antes de começar a contar-me todas as coisas boas que estavam a acontecer na vida dela. Becky era uma espécie de pedra no sapato para mim, para ser sincera. Era tudo o que eu queria ser e isso, por vezes, irritava-me e deixava-me ressentida. Fosse como fosse, por aquela altura, até eu já estava farta de mim mesma, portanto, fui-me deitar cedo de novo com uma dose de paracetamol suficiente para matar uma vaca, e sonhei que tinha vida.

A semana não melhorou muito. Tive duas sessões com um cliente novo, um homem chamado Marcus viciado em pornografia na internet. Na universidade, especializara-me em aconselhamento na área da dependência sexual, por isso uma grande parte do meu trabalho era nesta área. Teoricamente, Marcus tinha tudo o que um homem podia querer: uma mulher que era um borracho digno das páginas centrais de uma revista eró-

tica, duas filhas gémeas de cinco anos com o aspeto de anjos, uma habitação própria e duas casas de férias, na Irlanda e em Portugal. E montes de dinheiro, boa porção do qual gasto a descarregar imagens de vários sítios da internet e a masturbar-se enquanto a mulher e as filhas dormiam no piso de cima. Depois de quase ter sido apanhado por duas vezes, uma delas por uma das filhas, recorreu a mim em busca de ajuda. Ah, eu referi que Marcus tinha um metro e oitenta e dois, era muito bem-parecido e um dos homens mais egocêntricos que alguma vez encontrara?

– Então, porque está aqui, se, a seu ver, não está a fazer nada de errado? – perguntei pela terceira vez.

– Julgo que talvez tenha a ver com a forma como as pessoas podem encarar isto... – Tinha um ar amuado, rabugento.

– Quem, por exemplo?

– Sei lá, um colega do trabalho, a minha mãe. Está a tornar-se cada vez mais difícil esconder isto.

– E a sua mulher? Dizia-me que ela não faz ideia...

Marcus encolheu os ombros.

– A minha mulher é feliz, e porque não haveria de ser? Tem tudo o que quer. Passa as férias de verão e as férias escolares e os fins de semana prolongados ao sol com as amigas e os miúdos, enquanto os maridos trabalham para ganhar a massa, portanto, não passa muito tempo em casa.

– Não me parece que seja essa a questão, pois não? Ela podia estar, e estará presente, em casa. É o incidente com a sua filha, que quase o apanhou em flagrante...

– Isso foi uma lamentável infelicidade. – Ficou calado durante um tempo. – Na verdade, não estou a magoar ninguém – argumentou em voz baixa, mas sem olhar para mim.

– Seria capaz de parar, se quisesse? – perguntei-lhe por fim, diretamente.

– Sim, é claro que seria.

– E quer fazê-lo?

- Não tenho a certeza.
- E por que motivo consideraria parar?
- Creio que... não sei, talvez porque não ache que seja normal uma pessoa querer trancar-se num quarto à noite e masturbar-se enquanto assiste a pornografia num ecrã.
- Então, com se sente quando o faz?
- Primeiro excitado, por causa da antecipação. E do risco. Depois, durante um bocado, a sensação é espetacular, mas a seguir já não é assim tão boa... – Não continuou. Não queria pensar na vergonha que sem dúvida se apoderava dele de seguida.

Conversámos durante mais um tempo. Não iria ser fácil para Marcus. Casos como o dele poucas vezes eram simples e, para além disso, eu não estava muito convencida que ele estivesse preparado para lidar com o assunto. Na verdade, penso que o que ele procurava era alguém que lhe dissesse que não havia problema nenhum, que estava tudo bem.

Foi um dia muito preenchido e quando cheguei a casa, a tiritar, o maldito micróbio apoderara-se por fim de mim. Estava duplamente aborrecida porque a meio do dia decidira que não suportaria ficar outra noite em casa sozinha e combinara ir com Clodagh ao cinema. Contudo, sentia-me tão exausta que acabei por ter de cancelar, o que me deprimiu ainda mais. Em defesa dela, diga-se que me enviou um sms a oferecer-se para me fazer companhia e cuidar de mim com batatas fritas, gelado e *Lemsip*¹, mas acabei por chegar à conclusão de que seria mesmo melhor ficar sozinha.

Por aquela altura, não tinha sequer energia para ir às compras, logo, passei mais uma noite em casa na companhia de um milhão de canais televisivos, a maioria dos quais suportava por dez segundos antes de continuar a carregar no botão do comando.

¹ Marca de medicamento para gripes e constipações. (*N. da T.*)

Resolvi colocar em prática uma teoria que, segundo a minha avó, era tiro e queda, «alimentar a constipação, matar a febre à fome», e comi dois pacotes gigante de batata frita e outro de biscoitos de chocolate, bebi um generoso uísque quente com cravinho e limão – a cura irlandesa para as constipações – e desabei na cama, vestida, para ver um filme. Acordei às seis da manhã na mesma posição, gelada e ainda com o comando na mão. O meu hálito cheirava a queijo e cebola, a maquilhagem dos olhos, esborratada, chegava-me ao maxilar e o meu fato novo, acabado de vir da lavanderia, já só servia para pano do pó.

Tive um daqueles momentos horríveis ao dar-me conta de que queria desesperadamente enfiar-me debaixo do edredão e gritar e a seguir dormir enquanto assistia a programas entediantes de televisão, com o meu *BlackBerry*, e tudo o resto que me mantivesse em contacto com o mundo exterior, no silêncio. Foi então que tive a certeza de que alguma coisa tinha de ceder. Todos os meses que passara a tentar dominar-me e recompor-me não haviam resultado em nada. Estava farta de fazer de conta que estava feliz, convencendo-me de que era uma sortuda enquanto me debatia até para me manter de pé. Alguma coisa tinha de mudar, e a mudança tinha de ser significativa o suficiente para me arrancar daquele enorme buraco negro em que me encontrava. Interrogava-me se seria capaz de empreendê-la.